

Layane Alves Leite, Nathalie Barros da Mota Silveira*

* **Layane Alves Leite** Mestre em Design pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), possui pós-graduação em Projeto de Interiores e Inovações Arquitetônicas (UNIFACISA) e graduação em Design (UFCG). Graduanda em Pedagogia (UNOPAR). Pesquisadora nas áreas de design e gênero, cultura material, brinquedo e significado.

layaneleitedesigner@gmail.com

ORCID 0000-0002-6701-4058

Nathalie Barros da Mota Silveira Desenhista Industrial pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), mestra e doutora em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é docente nos cursos de graduação em pós-graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande. Líder do grupo de pesquisa Laboratório de Morfologia dos Objetos e Processos de Significação, desenvolve pesquisas sobre aspectos relativos à significação dos produtos de design a partir dos diversos níveis de interação entre usuários e artefatos.

nathalie.motasilveira@gmail.com

ORCID 0000-0001-8928-3200

A cor como indicador de gênero e sua influência na escolha de brinquedos infantis

Resumo Este artigo investiga o efeito da cor na escolha de brinquedos infantis, focando na relação entre gênero, cor e função. O estudo envolveu pais de crianças entre 3 e 6 anos, utilizando um questionário estruturado com imagens de três brinquedos em oito matizes diferentes. Foi perguntado aos participantes quais eram as cores preferidas e rejeitadas no momento da compra, tanto para presentear seus filhos quanto para outras crianças. Com os dados coletados constatou-se que os estereótipos de gênero acionados a partir das cores, influenciam a aquisição de brinquedos pelos pais. No entanto, esse efeito pode variar dependendo da finalidade de uso do brinquedo e da criança à qual se destina. Constatou-se que o rosa e o roxo são os matizes mais aceitáveis para as meninas e menos populares para os meninos. Enquanto azul e vermelho foram mais populares nas escolhas para os meninos.

Palavras Chave Brinquedos, Gênero, Cor, Função.

Color as an indicator of gender and its influence on the choice of children's toys

Abstract *This article investigates the effect of color on children's toy choices, focusing on the relationship between gender, color, and function. The study involved parents of children between the ages of 3 and 6, using a structured questionnaire with images of three toys in eight different hues. Participants were asked which colors were their favorite and which were their least favorite when purchasing toys, both as gifts for their children and for other children. The data collected showed that gender stereotypes triggered by colors influence parents' toy purchases. However, this effect may vary depending on the intended use of the toy and the child for whom it is intended. It was found that pink and purple are the most acceptable hues for girls and the least popular for boys. Blue and red were the most popular choices for boys.*

Keywords Toys, Gender, Color, Function.

El color como indicador de género y su influencia en la elección de juguetes infantiles

Resumen *Este artículo investiga el efecto del color en la elección de juguetes de los niños, centrándose en la relación entre género, color y función. El estudio involucró a padres de niños de 3 a 6 años, utilizando un cuestionario estructurado con imágenes de tres juguetes en ocho tonos diferentes. Se preguntó a los participantes sobre sus colores favoritos y los que más les disgustaban al comprar juguetes, tanto para sus propios hijos como para otros niños. Los datos recopilados mostraron que los estereotipos de género generados por los colores influyen en la compra de juguetes de los padres. Sin embargo, este efecto puede variar según el uso previsto del juguete y el niño al que va dirigido. Se descubrió que el rosa y el morado eran los tonos más aceptables para las niñas y los menos populares para los niños, mientras que el azul y el rojo eran las opciones más populares para los niños.*

Palabras clave Juguetes, Género, Color, Función.

Introdução

As crianças são expostas a uma série de normas que moldam suas percepções de gênero, um exemplo disso é a segmentação de brinquedos por esse viés. Nas prateleiras das lojas, é comum encontrar brinquedos de “meninas”, como bonecas e utensílios domésticos em tons de rosa, e brinquedos de “meninos”, como carrinhos, blocos de construção e figuras de ação em cores mais intensas, como azul e vermelho. Essa divisão aparentemente inofensiva traz consigo uma rede de expectativas e regras sociais que contribuem para a perpetuação de estereótipos desde a infância. Atualmente, no mercado brasileiro, ainda há grande presença desses brinquedos (Leite, 2024).

Dentre os elementos importantes para identificar o gênero do brinquedo, temos a cor e a sua funcionalidade, ou seja, a sua finalidade de uso (ou representação de uso) (Leite, 2024). Paoletti (2012) explica que, na cultura americana, desde a década de 40, os meninos são associados aos tons de azul e às cores primárias, enquanto as meninas são associadas a rosa, roxo e tons pastel. Essa tendência é semelhante ao contexto brasileiro, onde observamos rosa, roxo e branco para meninas e azul, verde e preto para meninos (Lira; Nunes, 2016). Por outro lado, Nascimento (2016) afirma existir uma clara distinção pautada pela divisão sexual do trabalho, em que brinquedos femininos são voltados para o cuidado dos filhos e do lar, enquanto os brinquedos para meninos estão relacionados à criatividade, aventura e desenvolvimento de habilidades. Para a autora, essa divisão reflete os papéis que a sociedade espera que as crianças assumam no futuro.

Considerando que esses aspectos atuam em conjunto na identificação do gênero (Leite, 2024) e que as cores não são percebidas isoladamente, pois absorvem os significados atribuídos aos seus objetos pelos indivíduos, sua interpretação depende do contexto em que estão aplicadas (Silveira, 2015). Portanto, este artigo visa investigar as escolhas dos pais em relação às cores dos brinquedos e como essas escolhas se relacionam com suas funcionalidades, influenciando sua aceitação ou rejeição.

Gênero e infância

Segundo a teórica Lauretis (1987), o gênero não é uma propriedade natural dos corpos, mas sim a representação de indivíduos em uma relação social preexistente. Em outras palavras, ao longo dos anos, características foram sendo incorporadas aos sujeitos, classificando-os em femininos ou masculinos. Tilio (2014, p.129) esclarece que essas características se constituem em um “rígido binarismo (macho/homem; fêmea/mulher)”, excluindo e invisibilizando todas as outras identidades que não se encaixam nessas categorias.

Scott (1995, p. 86) argumenta que o gênero “é também uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Para Souza (2004, p.84), essas identidades “são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”,

o que significa que, além de dividir os indivíduos em dois grupos, o sistema também os hierarquiza. A figura masculina é colocada como dominante e detentora dos atributos de valor, enquanto as mulheres ficam com as atividades de menor relevância social. Essas diferenças, quando reproduzidas ao longo do tempo, “adquirem a ideia de serem ‘naturais’ e ‘próprias’ aos homens e às mulheres” (Silva; Brabo, 2016, p.130).

Um desdobramento desse pensamento essencialista é a divisão sexual do trabalho. A socióloga Mies (2016) exemplifica essa divisão ao mencionar que o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos são vistos como consequências “naturais” da condição biológica da mulher cisgênero, associando o útero a características de afeto e cuidado. Buckley (1986) observa que, embora as definições do que é considerado uma atividade feminina ou masculina possam mudar com as transformações políticas e socioeconômicas, o papel da mulher como cuidadora e dona de casa, quase sempre, permanece constante. Ao mesmo tempo que os homens continuam a ocupar papéis de prestígio nas esferas políticas, religiosas e militares (Kergoat, 2009, *apud* Dorlin, 2021).

Tais normas de gênero são introduzidas ainda na infância, com a família sendo o agente principal nesse processo (Silva; Brabo, 2016). A socióloga Christine Delphy (*apud* Dorlin, 2021, p.27) sustenta que o “gênero precede o sexo”. Isso significa que, antes mesmo de nascerem, as crianças já estão cercadas por representações dicotômicas de gênero. Os pais já idealizam temas, cores, nomes, roupas e objetos para seus filhos a partir de conceitos socioculturais e políticos do que é caracterizado como ser menina e ser menino. Dessa forma, os significados atribuídos aos seus corpos limitam suas experiências e marcam suas vidas para sempre (Sayão, 2003).

Moreno (1999, p.14) explica que “a partir do momento em que nascemos, começamos a receber essa influência social que condicionará nossa maneira de ver e de estar no mundo”. Durante a formação da criança, as escolhas por brinquedos e brincadeiras também são construídas a partir desses papéis, formando, assim, os estereótipos (Kishimoto; Ono, 2008). Estes se integram ao imaginário infantil e, ao longo dos anos, conduzem as crianças a adotarem atitudes e perfis pré-estabelecidos (Suman, 2018).

Portanto, desde cedo, as crianças internalizam aspectos socioculturais que irão acompanhá-las por toda a vida, perpetuando preconceitos de geração em geração. As diferenças de gênero afetam e limitam como as crianças brincam e interagem com as outras, reforçando os papéis de “menina” e “menino” que são ensinados a partir de uma dominação etária e masculina.

O brinquedo e o brincar

Brougère (1997) argumenta que o ato de brincar é um processo cultural que emerge do ambiente em que ocorre, moldando e sendo moldado pelos comportamentos infantis. O brincar vai além de atividade lúdica, pois carrega consigo valores, normas e dinâmicas sociais que refletem o contex-

to ao qual a criança pertence. Segundo Vygotsky (1991), é por meio da brincadeira que a criança lida com seus conflitos internos, resolve problemas e realiza desejos do seu imaginário. Dessa forma, o brincar permite à criança não somente a compreensão e a exploração do mundo ao seu redor, como também a criação de narrativas pessoais que auxiliem na construção de sua identidade e desenvolvimento emocional.

Nesse cenário, o brinquedo emerge como um suporte para a brincadeira (Kishimoto, 2017). Com sua flexibilidade e ausência de um sistema de regras, o brinquedo permite à criança reproduzir diferentes tipos de eventos, não só representando objetos do cotidiano adulto, mas também os grupos sociais aos quais pertencem (Kishimoto, 2017). Além disso, conforme Caldas-Coulthard e Leeuwen (2004) destacam, os brinquedos são tanto objetos tridimensionais que podem ser lidos e interpretados como textos, como também objetos para serem manipulados e usados. Assim, eles carregam significados (Caldas-Coulthard; Leeuwen, 2004; Camilo; Bessa, 2018; Nascimento, 2016) que os tornam importantes mediadores culturais.

São inúmeras as classificações utilizadas na área, mas para esta pesquisa partiremos do Sistema C.O.L., *Classement des objets ludiques*, desenvolvido por Odile Périno, especialista em brincadeiras e brinquedos infantis. Sendo uma revisão, mais simples e coerente, do Sistema ESAR (Piaget, 1990; Garon, 1985, 1992, 2002).

Conforme explicado por Kobayashi *et al.* (2009), o Sistema C.O.L. organiza os brinquedos em quatro grandes categorias:

- Brinquedos para jogos de exercício, que incluem brinquedos para o despertar sensorial, brinquedos de motricidade e brinquedos de manipulação;
- Brinquedos para jogos simbólicos, divididos em brinquedos de papeis, brinquedos de faz-de-conta e brinquedos de representação;
- Jogos de acoplagem, englobando os jogos de construção, jogos de encadeamento, jogos de experimentação e jogos de fabricação;
- Jogos de regras, sendo os jogos de associação, de percurso, de expressão, de combinação, de endereço e esporte, de reflexão e estratégia, de azar e de perguntas e respostas.

Neste artigo, o Sistema C.O.L. foi escolhido por sua simplicidade e objetividade, características que dispensam a necessidade de um conhecimento técnico aprofundado, facilitando sua utilização. Optou-se por estudar as subcategorias “brinquedos de papeis” e “brinquedos faz-de-conta”, dentro da categoria “brinquedos para jogos simbólicos”, por refletirem uma divisão de gênero nas atividades que proporcionam. Além disso, a subcategoria de “brinquedos de manipulação”, da categoria “brinquedos para jogos de exercício”, foi incluída, já que esses brinquedos não possuem fun-

cionalidades associadas aos papéis sociais de gênero, proporcionando uma análise mais neutra.

Estereótipos de gênero nos brinquedos infantis

Muitos dos brinquedos disponíveis no mercado contribuem para a manutenção da dicotomia de gênero ao oferecer para as crianças dois universos distintos: um que gira em torno de atividades domésticas, cuidado e beleza, e outro que abrange uma variedade de profissões e esportes. Por outro lado, Sudjic (2010) explica que é por meio da linguagem do design que o gênero dos produtos é sutilmente sugerido, através do uso repetido de formatos, tamanhos e referências visuais. Essa padronização visual cria mensagens que atraem a atenção do consumidor, mas, ao mesmo tempo, negam as complexidades da vida e reforçam as segregações (Bretteville, 1973). Nesse sentido, Duran e Flesler (2021, p.2, tradução nossa) apontam que “tudo projetado é atravessado por gênero”, destacando como o design perpetua essas distinções. De acordo com o estudo de Leite (2024), dois aspectos são relevantes nessa segregação: a cor e funcionalidade dos brinquedos. Portanto, este artigo se concentrará na análise desses elementos.

A cor

Segundo a teoria de Pierce (2005) os signos podem ser classificados em símbolos, ícones ou índices. Sendo os símbolos signos convencionais; os ícones, signos que representam seu objeto por semelhança; e os índices, signos que indicam algo com o qual está conectado. No entanto, o signo pode pertencer a todos os tipos simultaneamente, com um aspecto se sobrepondo ao outro (Santaella, 2005). Quando há prevalência das cores rosa ou azul em um brinquedo infantil, por exemplo, elas apontam o gênero a que se destinam. Isso é percebido a partir de uma relação simbólica e indicativa, visto que as cores associadas ao gênero fazem parte de uma construção social.

O significado atualmente atribuído para azul e rosa começou a ser construído a partir do século XX, sob a influência de ícones populares, por meio da expansão do consumismo e de estratégias publicitárias, e por conflitos entre os ideais de movimentos sociais e grupos religiosos (Baliscei, 2020). O mesmo autor ainda explica que tais cores, gradativamente, foram associadas a corpos, produtos e identidades masculinas e femininas, respectivamente.

Segundo Heller (2013, p.65), o azul é a principal cor masculina, visto que representa as virtudes intelectuais, a inteligência, a ciência, a concentração e também, a esportividade. Em segundo lugar o preto, que em suas palavras, “corresponde melhor à auto imagem tradicional do homem forte”. Já a cor rosa, ligada à feminilidade, simboliza a força dos fracos, é a cor do charme, da cortesia, da amabilidade; é sentimental e sensível (Heller, 2013). Para a autora, o branco também pode ser feminino, visto que tem

caráter tranquilo e passivo. Contudo, esses não são os únicos matizes relacionados ao gênero. Com base em pesquisas realizadas na área, o roxo e os tons pastel também são atribuídos às meninas (Paoletti, 2012), enquanto as cores fortes (Clark, 2007) e mais escuras, como o vermelho, aos meninos (Little; Hill, 2007). Esses dados podem ser constatados pela análise feita por Silva (2018), que, ao estudar alguns brinquedos, percebeu que os femininos geralmente são rosa, com tons claros e serenos, enquanto os masculinos costumam ter cores vibrantes e fortes.

A indicação do gênero por meio da cor torna-se um empecilho para que crianças tenham acesso aos mais diversos brinquedos e estímulos que podem ser gerados pela interação com esses artefatos. É partindo desse pressuposto que se pretende identificar sua relação com o brinquedo, verificando como essa associação é percebida e interpretada pelos pais, e identificando se há ligação com as normas de gênero impostas socialmente.

A funcionalidade

No que diz respeito à funcionalidade dos brinquedos, esta refere-se às atividades que eles incentivam nas crianças. Observa-se uma clara segmentação dessas funcionalidades, fortemente influenciada pela divisão sexual do trabalho, conforme resume Nascimento (2016, p.302):

[...] os brinquedos considerados de meninas têm um papel representativo na construção de sua identidade e posicionamento na sociedade, tendo em vista que são associados ao cuidado com os filhos e à atividade de dona de casa. Assim, estimulam as meninas a serem passivas e obedientes aos seus futuros maridos, de modo que elas são treinadas para se tornarem boas cuidadoras do lar por meio do cuidado com a cozinha, utensílios domésticos, troca de fraldas, mamadeiras e passeios com suas bonecas-bebês. Já com relação aos garotos, os brinquedos considerados de “meninos”, como carrinhos, aviões, barquinhos, bonecos heróis e guerreiros, monstrinhos e “jogos eletrizantes” e de raciocínio lógico, são associados à criatividade, à aventura e ao desenvolvimento de habilidades (Nascimento, 2016, p.302).

Segundo a autora, esses brinquedos reproduzem os significados de um sistema patriarcal, delineando qual papel as crianças devem ocupar na sociedade. Ela menciona também outros brinquedos que fazem parte do cotidiano feminino, como casinhas, jogos de panela, pratos, vassouras e bonecas similares a bebês reais. Todos esses remetem às atividades reprodutivas associadas às mulheres adultas. Enquanto isso, a autora aponta que os brinquedos masculinos não possuem qualquer relação com a maternidade e domesticidade, pelo contrário, incorporam aspectos da vida pública.

Portanto, é fundamental questionar a capacidade dos brinquedos em perpetuar estereótipos de gênero e buscar alternativas que promovam um crescimento mais igualitário, para que as crianças experimentem uma variedade maior de atividades e habilidades.

Métodos e Técnicas

Essa investigação teve por objetivo analisar as escolhas dos pais em relação às cores dos brinquedos, identificando suas preferências e explorando a relação dessas escolhas com as funcionalidades dos brinquedos e o gênero da criança. Para a realização do experimento, elaborou-se um questionário estruturado na plataforma *Google Forms*, distribuído em redes sociais para ser respondido por pais de crianças entre 3 e 6 anos, uma vez que é nessa idade que as diferenças de gênero mais interferem nas preferências de brinquedos (Golombok *et al.*, 2012). Foram apresentadas fotografias de três brinquedos infantis escolhidos com base no Sistema C.O.L. O primeiro (A), caracterizado por ser um brinquedo de manipulação do tipo de jogos para o exercício, sem uma funcionalidade que remeta ao gênero; o segundo (B), considerado um brinquedo tipicamente feminino, da subcategoria “brinquedos de papeis” dos jogos simbólicos; e o terceiro (C), considerado um brinquedo tipicamente masculino, da subcategoria “brinquedos de faz-de-conta” também dos jogos simbólicos (Figura 1). A diversidade funcional foi considerada para identificar se as escolhas de cores variam conforme o tipo de brinquedo.

Figura 1 (A) Brinquedo Pedritas;
(B) Brinquedo Kit Chá; (C)
Brinquedo Carrinho SportCar
Fonte Elaborado pelas autoras



As fotografias tiveram suas cores modificadas na ferramenta *Adobe Photoshop*, alternando para amarelo, laranja, branco, roxo, rosa, azul, vermelho e preto (Figura 2). Os matizes laranja e amarelo foram incluídos por não apresentarem, segundo as referências consultadas, significados de gênero, ampliando a gama de possibilidades.

Para cada brinquedo foram apresentadas as 8 opções de cores e os participantes indagados com as seguintes questões: “Quais cores você compraria para o(a) seu(ua) filho(a)?”, “Quais cores você NÃO compraria para o(a) seu(ua) filho(a)?”, “Quais cores você compraria para dar de presente a uma menina?”, “Quais cores você NÃO compraria para dar de presente a uma menina?”, “Quais cores você compraria para dar de presente a um menino?” e “Quais cores você NÃO compraria para dar de presente a um menino?”. Foi também solicitado que justificassem suas respostas.

O questionário foi respondido por 57 participantes e as respostas coletadas serão apresentadas a seguir por meio de gráficos e dados numéricos.

Figura 2 Brinquedos com seus matizes alterados

Fonte Elaborado pelas autoras com a ferramenta *Adobe Photoshop*



Resultados e discussões

Quanto ao perfil dos participantes, houveram 52 mulheres (91,2%) e 5 homens (8,8%), com idades variando entre 18 e 45 anos. Em relação aos filhos, 27 participantes afirmaram ter apenas meninas (47,4%), enquanto 27 participantes relataram ter apenas meninos (47,4%), e 3 participantes mencionaram ter filhos de ambos os gêneros (5,2%). No que diz respeito à faixa-etária das crianças, observou-se uma distribuição variada: 34,4% com 3 anos, 26,2% com 4 anos, 23% com 5 anos e 16,4% com 6 anos.

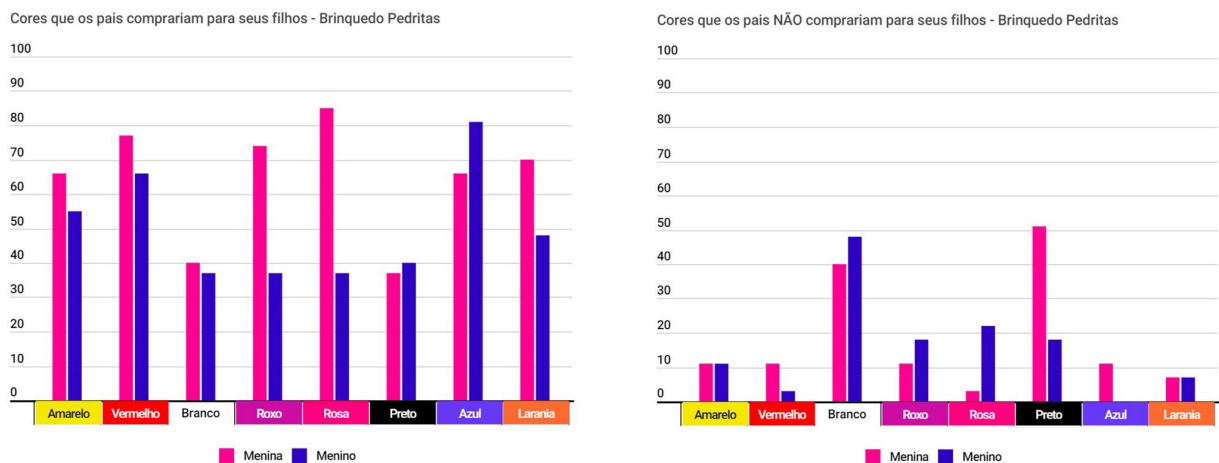
Nas discussões a seguir, foram considerados apenas os pais que tinham filhos do mesmo gênero, uma vez que os demais não levantaram essa informação ao responderem sobre os brinquedos, tornando inviável identificar e avaliar a partir do gênero. Para calcular as porcentagens das questões referentes aos próprios filhos, foram considerados 27 respondentes, equivalente ao número de pais de cada gênero. Já nas questões sobre presentear outras crianças, as porcentagens foram calculadas a partir do total de 54 respondentes, abrangendo todos os participantes da pesquisa.

Brinquedo Pedritas

Ao analisar as respostas de compra para seus filhos (Figura 3), percebeu-se que a maioria considera tanto as preferências pessoais quanto as das crianças. Contudo, cinco participantes relataram que suas escolhas foram influenciadas pelo gênero, optando por cores associadas ao gênero do filho. Em contraste, dois participantes afirmaram terem evitado cores correspondentes ao gênero dos filhos, buscando fugir de estereótipos.

Figura 3 Dados do brinquedo Pedritas

Fonte Elaborado pelas autoras com a ferramenta Infogram



Para as meninas, o rosa (85,2%), o vermelho (77,8%) e o roxo (74%) tiveram maior aceitação. Em relação aos meninos, houve menor inclinação para escolher rosa e roxo (37%), com preferência pelo azul (81,5%), vermelho (66,7%) e amarelo (55,6%). Com destaque para o azul, que não recebeu rejeição na pergunta negativa.

Quando se trata de outras crianças (Figura 4), 85,2% dos pais preferiram rosa para meninas, seguido pelo roxo (81,4%), laranja (75,9%) e vermelho (72,2%). O azul foi uma das cores menos escolhidas (59,3%), e recebeu 18,5% de rejeição. Para presentear os meninos, o azul foi a cor mais popular (88,9%), seguido pelo vermelho (87%) e amarelo (77,8%). O rosa e o roxo tiveram maior rejeição (44,4%; 24,1%).

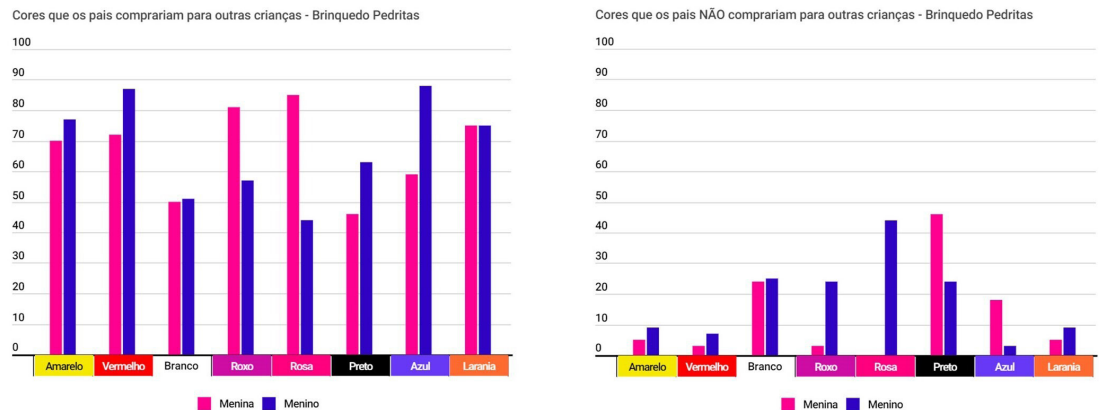


Figura 4 Dados do brinquedo Pedritas

Fonte Elaborado pelas autoras

com a ferramenta Infogram

Entre as justificativas fornecidas pelos participantes ao presentear meninas, 18,5% afirmaram que escolhem as cores com base no gênero, citando frases como “não gosto de cor escura para meninas” e “rosa e roxo são cores que meninas mais gostam”. Esse percentual aumenta para 38,9% ao se tratar de meninos, com explicações como “pais de meninos tendem a ter mais preconceito” e que, por isso, “não gostariam de se indispor”. Fica evidente, portanto, que há um estigma mais forte em relação ao uso de cores consideradas femininas por meninos, como elucidado pela resposta “meninos são reticentes a brinquedos que remetem ao feminino, dizem logo que não são meninas”.

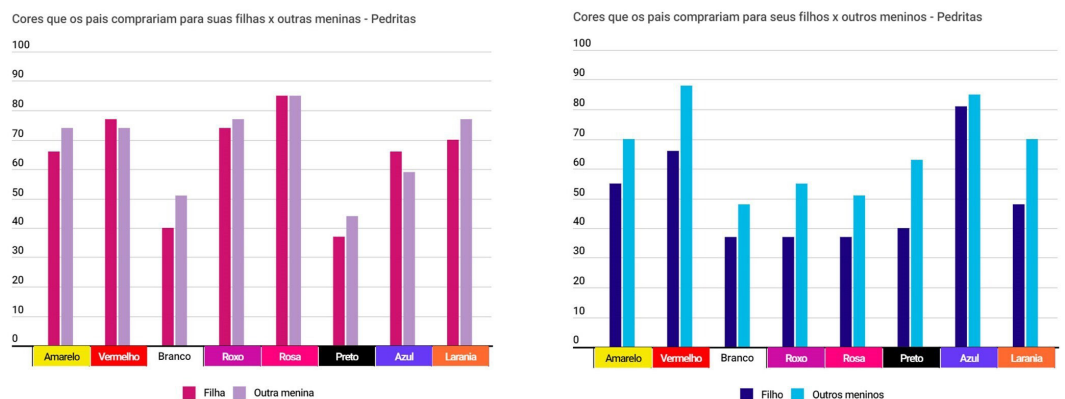
No geral, observou-se uma grande rejeição às cores branco e preto. A maioria dos pais justificou essa escolha afirmando que eram “sem graça”, “pouco lúdicas”, “desinteressantes”, “sérias” e “adultas”. O preto também foi associado a uma cor “pesada”, enquanto o branco foi visto como uma cor que “suja muito”. Essas percepções estão alinhadas com os estudos de Heller (2013).

Também foi realizada uma análise entre os pais de meninas, comparando as respostas sobre presentear suas próprias filhas e presentear outras meninas. O mesmo procedimento foi aplicado aos pais de meninos (Figura 5). Os resultados indicaram que os participantes foram menos restritivos em suas escolhas ao presentear outras crianças, mantendo proporções semelhantes às escolhas feitas para seus próprios filhos. Apenas o vermelho e o azul fugiram desse padrão nas escolhas para as meninas.

Figura 5 Dados do brinquedo Pedritas

Fonte Elaborado pelas autoras

com a ferramenta Infogram



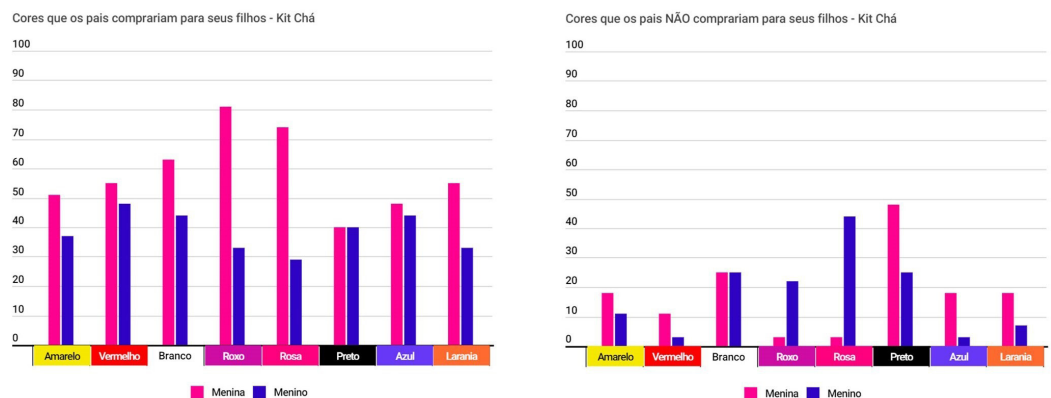
Em síntese, o brinquedo Pedritas não apresentou rejeição de compra, uma vez que, em todas as situações analisadas, nenhum participante declarou não comprar nenhuma das cores disponíveis. Esse resultado pode estar relacionado à ausência de funcionalidade que remeta a papéis sociais de gênero, contribuindo para uma aceitação mais ampla das cores. A proposta focada no desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras torna o brinquedo versátil, independente de gênero.

Brinquedo Kit Chá

Os resultados mostraram maior aceitação das cores por parte dos pais de meninas em comparação aos pais de meninos, com destaque para roxo e rosa (81,5%; 74,1%). Em contrapartida, essas mesmas cores foram rejeitadas (22,2%; 44,4%) pelos pais de meninos, cujas preferências se concentraram no vermelho (48,1%), branco (44,4%), azul (44,4%) e preto (40,7%). (Figura 6).

Figura 6 Dados do brinquedo Kit Chá

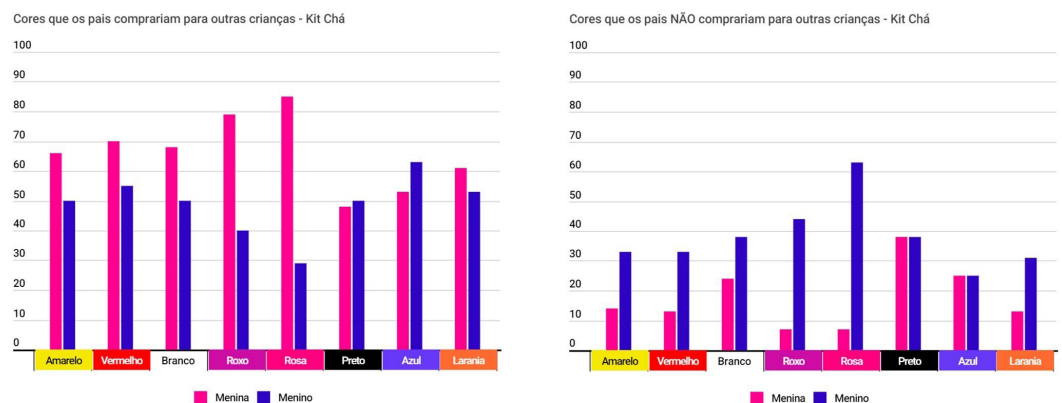
Fonte Elaborado pelas autoras com a ferramenta Infogram



As cores mais escolhidas para presentear as meninas foram rosa (85,2%), roxo (79,6%), seguido do vermelho (70,4%), branco (68,5%) e amarelo (66,7%). As mais rejeitadas foram preto (38,9%), azul (25,9%) e branco (24,1%). Para os meninos, as preferidas foram azul (63%), vermelho (55,6%) e laranja (53,7%), com branco, amarelo e preto empatados em 50%. Já o rosa e o roxo tiveram as maiores rejeições (63%; 44,4%). (Figura 7).

Figura 7 Dados do brinquedo Kit Chá

Fonte Elaborado pelas autoras com a ferramenta Infogram



É importante salientar que, apesar de o branco ainda ser um matiz rejeitado, como demonstram os gráficos anteriores, ele teve uma maior aceitação em comparação ao Pedritas. Isso ocorreu porque os pais perceberam o branco como uma cor mais próxima da encontrada na realidade, conforme ilustrado por comentários como: “eu optaria pela cor que tornasse o brinquedo mais real” e “branco se assemelha mais aos utensílios do dia-a-dia”. Esse resultado corrobora o estudo de Silveira (2015), que aponta que o significado de uma cor pode ser diferente dependendo do contexto.

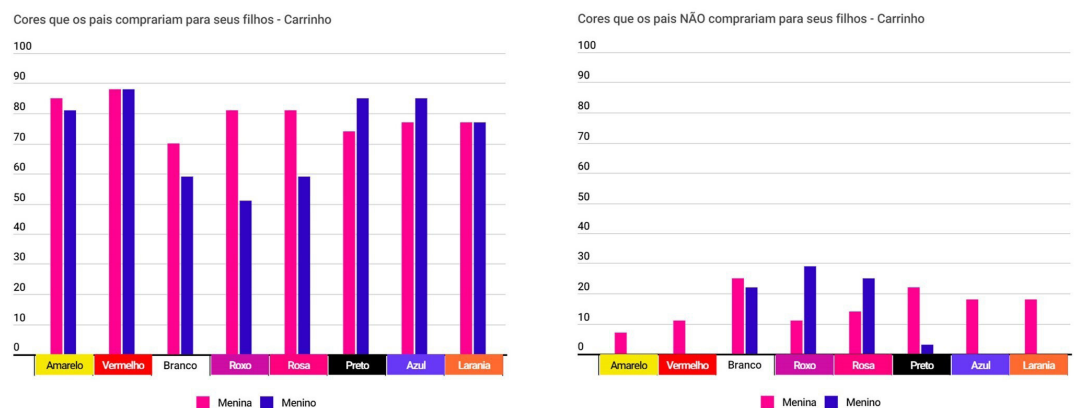
O brinquedo Kit Chá apresentou rejeição de compra por parte dos participantes, com 3,7% para os próprios filhos e 18,5% para outros. Os pais justificaram que não comprariam as tonalidades apresentadas por considerarem o brinquedo feminino, independentemente de sua cor. Foram frequentes expressões como: “ele não brinca com esse tipo de brinquedo”, “não acho apropriado para um menino” e “não é brincadeira de menino”. Por outro lado, não houve rejeição do brinquedo para as meninas. Um dos participantes comentou: “não identifiquei nenhuma cor que acho que não seria interessante para uma menina brincar. Muito disso pelo fato de ser um utensílio comum para brincadeiras de meninas na nossa cultura”.

Brinquedo Carrinho SpotCar

Em relação ao Carrinho SportCar, 17 pais de meninas afirmaram que comprariam todas as opções, justificando que “carrinho é um brinquedo universal” e “ficou interessante em todas as cores”. Por outro lado, um participante disse que não compraria nenhuma cor, considerando o brinquedo inapropriado para o gênero. Entre os pais de meninos, 12 afirmaram que comprariam todas as cores, com comentários como “por ser um brinquedo considerado para menino as cores não influenciam muito” e “meu filho adora carrinhos coloridos”. Portanto, apenas roxo (29,6%), rosa (25,9%), branco (22,2%) e preto (3,7%) não seriam compradas para o gênero masculino. (Figura 8).

Figura 8 Dados do brinquedo Carrinho SpotCar

Fonte Elaborado pelas autoras com a ferramenta Infogram



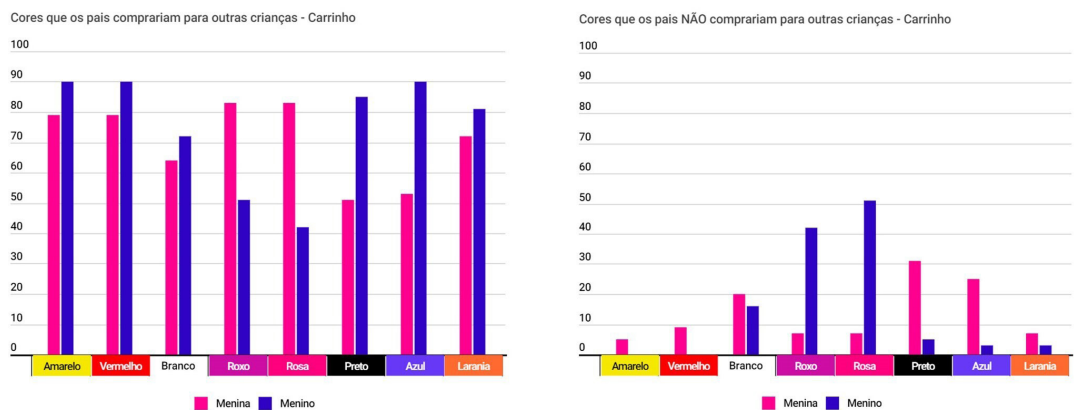
Apesar desses resultados, ao serem questionados sobre presentear outras crianças, os participantes mostraram preferência pelo rosa e roxo

Figura 9 Dados do brinquedo

Carrinho SpotCar

Fonte Elaborado pelas autoras com a ferramenta Infogram

para meninas (83,3%) e recusaram preto e azul (31,5%; 25,9%). Para meninos, as cores mais aceitas foram amarelo, vermelho e azul, com 90,7% - o maior percentual de toda a pesquisa. As rejeições permaneceram no rosa e roxo (51,9%; 42,6%) (Figura 9). Esses dados refletem o receio dos participantes em desagradar outros pais, acreditando ser mais seguro escolher cores associadas ao gênero da criança, como evidenciado nas declarações: “seus pais poderiam não gostar dessas cores” e “se for uma criança desconhecida, opto pelo mais convencional, para evitar talvez um desconforto com os pais”. Outra justificativa se baseia na cristalização dos estereótipos, como, por exemplo, nas falas “por ser um menino não daria cores femininas”, “cores normatizadas como femininas são as primeiras que me vem à cabeça”.



Nessa categoria, dois pais afirmaram que não comprariam nenhuma das cores disponíveis, justificando que “menina não gosta de brincar de carro”.

Nos carrinhos, o preto obteve sua melhor aceitação, escolhido por 74,1% dos pais para presentear suas filhas e 85,2% para os seus filhos. Quando o presente era para outras crianças, 51,9% escolheram o preto para meninas e 85,2% para meninos. Essa mudança de perspectiva pode estar ligada ao fato de que carros pretos são comuns no universo adulto, como ilustrado pela fala de um dos participantes que declarou não comprar a cor roxa porque nunca viu um carro dessa cor nas ruas.

De modo geral, ao comparar todos os brinquedos, nota-se que o carrinho obteve a maior aceitação em termos de cores, enquanto o kit chá registrou as menores porcentagens de aprovação, principalmente para os meninos (Figura 10). Essa diferença pode ser explicada pelas funcionalidades dos brinquedos, que remetem a papéis de gênero. O carrinho, tradicionalmente associado a atividades masculinas, como velocidade e ação, também foi bem aceito entre as meninas, provavelmente devido à normalização da imagem de mulheres dirigindo. Por outro lado, o kit chá encontrou maior resistência entre os meninos, uma vez que está relacionado a atividades consideradas femininas, como cuidados e socialização, áreas em que o estigma em relação à participação masculina ainda é mais acentuado.

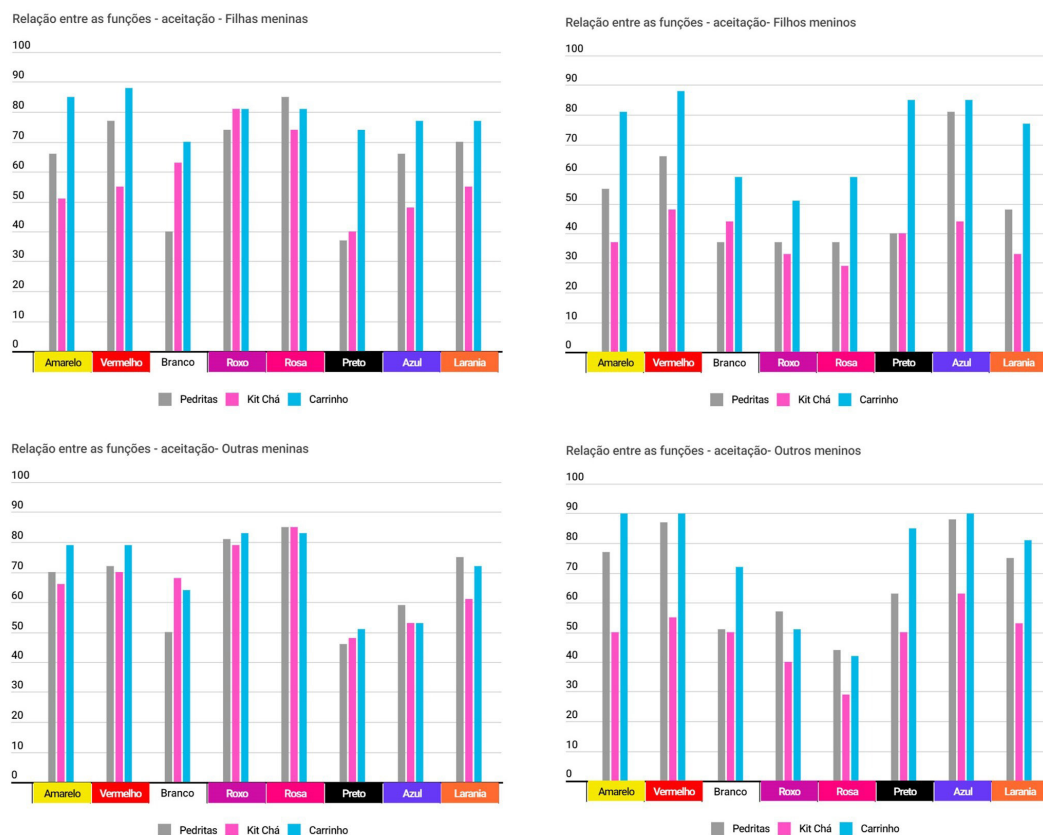


Figura 10 Dados do brinquedo

Carrinho SpotCar

Fonte Elaborado pelas autoras com a ferramenta Infogram

Devido à participação de apenas cinco participantes homens na pesquisa, não foi possível realizar uma comparação significativa entre as respostas femininas e masculinas para identificar padrões ou diferenças entre os gêneros. De toda forma, dois dos homens justificaram suas escolhas com base no gênero da criança- um deles, pai de menina, o outro, pai de menino.

Considerações finais

No contexto da análise, notou-se que as cores associadas ao gênero pelos pais estão em concordância com a literatura estudada: rosa e roxo são predominantemente ligados às meninas, enquanto azul e vermelho são associados aos meninos. Em geral, independentemente do tipo de brinquedo, pode-se concluir que a maioria dos participantes fez suas escolhas com base no gênero, seja para reforçar estereótipos ou para tentar evitá-los.

Ao escolher brinquedos para seus filhos, os pais tendem a optar por cores de sua preferência, o que resulta em escolhas mais restritas. Em contraste, para presentear outras crianças, há maior diversidade nas escolhas, embora aumente a tendência de selecionar ou rejeitar cores conforme o gênero. Muitos pais relataram sentir-se constrangidos ao oferecer uma cor tradicionalmente associada ao gênero oposto da criança, favorecendo a perpetuação das desigualdades. No entanto, verificou-se que as meninas

costumam se relacionar com uma paleta de cores mais diversificada, enquanto os meninos demonstram maior restrição.

Quanto às cores branco e preto, elas sofreram maiores alterações no significado percebido pelos pais. Ora eram rejeitadas por serem vistas como monótonas ou de caráter forte, ora eram aceitas por referenciar as cores de objetos reais.

Os matizes também foram utilizados como uma estratégia para minimizar as diferenças de gênero. Quando brinquedos tipicamente femininos eram direcionados a meninos, os pais optaram por cores mais masculinas a fim de atenuar a feminilidade. Por outro lado, essa estratégia foi menos utilizada para o brinquedo tipicamente masculino, já que a maioria dos pais julgou o carro como um brinquedo universal. Esse comportamento revela um estigma maior em relação aos meninos que se relacionam com objetos demarcados como femininos.

A escolha das cores por parte dos pais foi influenciada pela funcionalidade do brinquedo e pelo gênero da criança. O brinquedo Pedritas, cuja função é sem demarcador de gênero, não encontrou rejeição de compra e foi aceito em vários matizes para ambos os gêneros, indicando uma liberdade de escolha para itens neutros. Já o carrinho, associado a um universo mais masculino, foi selecionado em uma gama diversificada de cores tanto para meninos quanto para meninas, sugerindo uma mudança gradual na visão desse brinquedo como algo exclusivo do gênero masculino. Contudo, dois participantes relataram que nenhuma cor tornava o brinquedo apropriado para presentear meninas, revelando que a atividade associada ao brinquedo ainda exerce influência sobre algumas escolhas. Em contraste, o Kit Chá, associado a uma atividade tipicamente feminina, foi amplamente rejeitado como presente para meninos, independentemente da cor, evidenciando um estigma mais forte em relação à associação de meninos a atividades de cuidado e do lar.

Em geral, a cor mostrou-se pertinente tanto para reforçar ou atenuar, quanto para escapar dos estereótipos de gênero em brinquedos. No entanto, essa influência foi modulada por fatores como o público-alvo (filhos/outras crianças, meninos/meninas) e o tipo de brinquedo, especialmente em itens que representam papéis sociais específicos. Esses aspectos interferem nas escolhas dos pais, que tendem a considerar o contexto e a função do brinquedo ao escolher a cor, revelando como a relação entre cor e gênero pode ser complexa.

Por fim, para a continuidade desta pesquisa, recomenda-se ampliar o escopo do estudo, incluindo uma amostra mais diversificada de participantes. Em futuras pesquisas, sugere-se a inclusão da cor verde, já que, conforme as informações aqui discutidas, trata-se de um matiz frequentemente associado aos homens e foi bastante citado pelos respondentes.

Referências

- BALISCEI, J. P. **Abordagem histórica e artística do uso das cores Azul e Rosa como pedagogias de gênero.** Revista Teias, v. 21, p. 223-244, 2020.
- BRETTEVILLE, S. L. de. **Algunos aspectos del diseño desde la perspectiva de una diseñadora.** Bierut, Heller y otros (comps.) (2001), Fundamentos del diseño gráfico. Buenos Aires: Infinito, p. 287-295, 1973.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura.** Cortez, 1997.
- BUCKLEY, C. **Made in patriarchy: Toward a feminist analysis of women and design.** Design Issues, p. 3-14, 1986.
- CALDAS-COULTHARD, C. R.; LEEUWEN, T. V. **Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais.** Linguagem em (Dis) curso, v. 4, p. 11-34, 2004.
- CAMILO, M. L.; BESSA, S. **O QUE PENSAM MENINOS E MENINAS SOBRE OS BRINQUEDOS: INFLUÊNCIA DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO.** In: Anais do Congresso de Iniciação Científica, Estágio e Docência do Campus Formosa (ISSN 2594-9691). 2018.
- CLARK, E. **The real toy story: Inside the ruthless battle for America's youngest consumers.** Simon and Schuster, 2007.
- DORLIN, E. **Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista.** São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- DURAN, V.; FLESLER, G. De visibilizaciones, esencialismos y contingencias: aportes de los estudios de género al campo del diseño. In: Anales del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas. Mario J. Buschiazzi. 2021. p. 1-13.
- GARON, D. **Classificação e análise de materiais lúdicos – o sistema ESAR.** In: FRIEDMANN, A. et al. O direito de brincar. São Paulo: Scritta, ABRINQ, 1992. 171-181 p.
- GARON, D. **La classification des jeux et des jouets. Le système ESAR.** Quebec: Documentor, 1985.
- GARON, D. **Le systeme ESAR. Guide d'analyse, de classification et d'organisation d'une collection dde jeux et jouets.** Paris: Asted et Cercle de la Librairie, 2002.
- GOLOMBOK, S. et al. **Continuity in sex-typed behavior from preschool to adolescence: A longitudinal population study of boys and girls aged 3–13 years.** Archives of sexual behavior, v. 41, n. 3, p. 591-597, 2012.
- HELLER, E. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão.** Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 2017.

KISHIMOTO, T. M.; ONO, A. T. **Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca**. Pro-posições, v. 19, p. 209-223, 2008.

KOBAYASHI, M. do C. M.; KISHIMOTO, T. M.; SANTOS, S. A. dos. **Implantação de sistema de organização e classificação de brinquedos e jogos: a experiência do Laboratório de Brinquedos e de Materiais Pedagógicos-LABRIMP**. In: Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2009. p. 7771-7783.

LAURETIS, T de. **Technologies of Gender: Essays on Theory, Film, and Fiction**. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1987.

LEITE, L. A. **Significados de gênero nos brinquedos infantis: influências e percepções parentais**. 2024. 222 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2024.

LIRA, A. C. M.; NUNES, M. A. **Ensinando a ser menina e menino: brinquedos e relações de gênero**. Ensino & Pesquisa, v. 14, n. 01, 2016.

LITTLE, A. C.; HILL, R. A. **Attribution to red suggests special role in dominance signalling**. Journal of evolutionary psychology, v. 5, n. 1, p. 161-168, 2007.

MEFANO, L. **Design de brinquedos: uma arqueologia do projeto e suas origens**. 2005. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

MIES, M. **Origens sociais da divisão sexual do trabalho. A busca pelas origens sob uma perspectiva feminista**. Revista Direito e Práxis, v. 7, n. 15, p. 838-873, 2016.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas. 1999.

NASCIMENTO, A. C. O. **A Influência da Ideologia patriarcal na definição dos brinquedos infantis**. Revista em Pauta, v. 37, n. 14, p. 296-318, 2016.

PAOLETTI, J. B. **Pink and blue: Telling the boys from the girls in America**. Bloomington, IN: Indiana University Press, 2012.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Tradução: Álvaro Cabral e Christiano Monteiro. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990. 370 p.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada**. 1. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SAYÃO, D. T. **Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância**. Pro-Posições, v. 14, n. 3, p. 67-87, 2003.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, vol. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SILVA, A. F. da. **Infância, gênero e brinquedos: reflexões sobre a construção da domesticidade feminina através das coisas contemporâneas de brincar.** Revista de Arqueologia, v. 31, n. 2, p. 176-196, 2018.

SILVA, M. E. F; BRABO, T. S. A. M. **A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou de menino?.** Revista Trama Interdisciplinar, v. 7, n. 3, 2016.

SILVEIRA, L. M. **Introdução à teoria da cor.** UTFPR Editora, 2015.

SOUZA, C. C de. **O GÊNERO DO BRINQUEDO!.** Revista Contexto & Educação, v. 19, n. 71-72, p. 81-91, 2004.

SUDJIC, D. **A linguagem das coisas.** Tradução: Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010. 224 p.

SUMAN, M. Brinquedo tem gênero?. 2018. 53 f. Monografia (Bacharel em Publicidade e Propaganda) - Curso de Publicidade e Propaganda, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2018. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/1490>. Acesso em: 1 set. 2021.

TILIO, R. de **Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas.** Revista Gênero, v. 14, n. 2, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.